



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica.

UMA LEITURA DO LAÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: O CONSUMO DE IMAGENS COMO POSSIBILIDADE IMAGIÁRIA DE LUGAR SOCIAL¹

A READING OF THE SOCIAL BOND IN CONTEMPORARY: THE CONSUMPTION OF IMAGES AS THE IMAGINARY POSSIBILITY OF A SOCIAL PLACE

Rafael de Siqueira Fredi²

1 Síntese de uma pesquisa desenvolvida durante o curso de especialização lato sensu em psicologia clínica pela UNIJUÍ.

2 Graduado em psicologia e especialista em psicologia clínica pela UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades tradicionais, o lugar de cada sujeito já está pré-determinado conforme os desígnios da tradição. O sujeito tradicional não necessita construir um lugar social para si, pois este já está antecipado pela cultura. A partir do advento da modernidade a organização social modifica, o que lança os sujeitos em um movimento de construir, por sua conta e risco, os seus lugares sociais. Ocorre, então, a passagem de uma sociedade centralizada em um referencial comum, para uma organização social que lança o sujeito a mudanças constantes.

Observa-se que na contemporaneidade o consumo entra como recurso para lidar com essa condição de construção de lugar, criando uma inversão do ser para o ter. Assim, na tentativa de estabelecer um lugar de ser para si, o ter/aparecer vem como elementos principais, lançando o sujeito no consumo de imagens que possa o representar, mesmo que imaginariamente.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica realizada a partir dos referenciais teóricos da psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A sociedade tradicional é pensada como algo sólido e fechado onde existiam características marcantes como: a coletividade, o lugar já preestabelecidos a cada um, as relações mercadológicas fechadas apenas voltadas às necessidades e o patriarcalismo.

Na sociedade fundamentada na tradição os sujeitos guiavam-se por ela para dar rumo a vida. Temos então, um modo de ser do homem diferente do modo de ser contemporâneo, isto é, o homem só é como parte de algo que é coletivo, sua cidade, seu feudo etc. Veronese (2003, p. 14) diz que:

Em uma sociedade tradicional, alguém pode medir-se de acordo com a distância que está do centro, no caso a tradição, pois de algum modo o homem só existe como parte do coletivo, do clã, da *polis*, do feudo ou nação.

No campo psicanalítico o laço social é proposto a partir da organização do discurso. Pensamos o discurso como o que faz o laço social, ou seja, como o que determina as relações entre os sujeitos de uma determinada época, cultura e organização social. O discurso diz da relação dos sujeitos com seus significantes, regulando as formas do vínculo social.

O discurso do mestre, conforme proposto por Lacan (1992) ajuda a esclarecer o laço social predominante na tradicionalidade. Uma vez que, este discurso estabelece um saber absoluto, conforme Betts (1995), é o que determina um dizer imperativo *tu é isso*, ou seja, teu lugar no mundo é esse. Esse imperativo equivale a uma primeira forma de assujeitamento de qualquer um que esteja inserido na linguagem. O que muda na sociedade tradicional é que não havia possibilidades de movimentação deste discurso, uma vez nascido camponês sempre camponês.

Ao mesmo tempo que nesta cultura o desamparo ganhava acolhimento por via de estruturas simbólicas que davam um lugar ao sujeito, de ser filho do pai, pertencer a família tal, e seguir um destino pré-determinado a ele pela tradição.

Nas sociedades tradicionais, a falta-a-ser era camuflada pela das estruturas simbólicas de parentesco, que conferiam às pessoas um lugar, um nome, um destino, referendados pela comunidade e dificilmente modificados ao longo da vida. (KEHL, 2002 p.40)

A passagem da tradição para a contemporaneidade se deu de modo gradual, e foi influenciada pelas relações mercadológicas, a religiosidade, a partir da reforma protestante e a tradução da bíblia, e as grandes navegações. Essas transformações, deram início a um novo modo de organização e de laço social. Uma nova forma do homem se relacionar com o mundo e com o outro, mais individualizada. A ideia da coletividade como valor central é dizimada e o sujeito passa a ser responsável por si mesmo. De sujeitos amparados pela referencial cultural



da tradição, há uma passagem para sujeitos livre, responsáveis por si mesmos e sem um ideal, do outro, para sua vida, ou seja, desamparado.

Bauman(2001) usa como metáfora o fenômeno da liquidez para conceitualizar a sociedade contemporânea, onde não há uma fixação no tempo ou no espaço. Os líquidos, para Bauman são um exemplo do que é o contemporâneo, algo líquido, fluido, que não cria raízes sólidas mas passa pelo espaço sendo capaz de ocupar lugares diferentes e mudar de forma de maneira muito rápida. Ele observa que o espaço não é o mais importante nesta relação, mas sim o tempo.

O que toda essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que afinal, preenchem apenas” por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Assim as dimensões tradicionais e sólidas da sociedade cedem espaço a algo totalmente diferente. Metaforicamente, a referência não é mais a pedra que fica fixa no espaço, fazendo deste lugar uma referência, e sim a água que escorre por entre vários lugares ocupando espaços diferentes e por isso sem referenciais fixos.

Segundo Veronese (2003) o sujeito podia medir-se conforme a tradição, tendo ela como sua referência, amparando nela sua condição e modo de ser. Na contemporaneidade a existência do referencial coletivo, com o qual o sujeito podia medir-se e amparar-se, se liquefaz. Cada sujeito é responsável por dar conta de seu (des) amparo de forma subjetiva.

Calligaris (1999) diz que com o início da contemporaneidade a sociedade abandona o âmbito da necessidade quando o desejo não mais encontra satisfação nos objetos procurados e finalmente consumidos, mas se projeta para a busca de reconhecimento. O homem contemporâneo, diferente do tradicional, supõe ter seu lugar social - ou seja, seu amparo - na medida em que é reconhecido pela sua condição de consumidor, uma vez que na contemporaneidade há uma suposição de o reconhecimento se dá por vias de ter. Assim, “os objetos de desejo passam a valer como meios para conseguir um lugar no sol” (CALLIGARIS,1999 p. 12). Giddens (1991) nos esclarece que os modos de vida que a modernidade produziu, desvencilhou a sociedade do tipo tradicional de ordem social.



O que decide a organização social contemporânea é o que pode ser comprado, assim os objetos de consumo tornam-se “a própria matéria simbólica de nossos tempos” (CALLIGARIS,1999 p. 15). Há uma substituição do ser pelo ter, em outras palavras, o ser depende muito mais do que se tem/possui, pois o valor de medir uma classe social na modernidade é pela posse de bens. Pode-se nascer em berço pobre e acender de classe, na medida em que se adquire bens, ou também decair de classe social, na medida que se perde bens, pois “o acesso ao luxo é que decide a classe e o lugar social de cada um” (CALLIGARIS,1999 p. 16). Antes disso, uma pessoa podia ter acesso ao luxo ou a objetos caros, contudo o luxo não lhe conferia lugar social e sim a ordem tradicional da classe onde nasceu, uma vez nascido nobre sempre seria nobre.

Na contemporaneidade onde e como se nasce não são fatores exclusivos, mas como cada um consegue se distinguir, inclusive com suas posses que o distinguem tanto quando os atos. O consumo se institui na cultura na medida em que se torna fator dominante de ascensão ou de queda social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é mais a religião, a tradição ou o que pode ser passado de geração em geração que dá as medidas do que um sujeito é, mas sim o consumo, visto que a produção discursiva contemporânea baseia-se em uma cultura do consumismo. Assim para ter reconhecimento é preciso ter um lugar de consumidor. Desta forma o dito popular muda de “diga com quem tu andas que eu te direi quem tu és” para “diga o que tu consumes que eu te direi quem tu és”.

Ao elencar o indivíduo como maior valor, nossa sociedade transmite junto com ela uma recusa de si mesma, um recalçamento de sua herança cultural. Esse processo de recalçamento da herança cultural para o advir do indivíduo, fragiliza os referenciais culturais. Calligaris (1993) nomeia essa questão como uma falta de identificação e de recursos identificatórios, assim identidades imaginárias são inventadas no lugar destas identificações.

O consumo se apresenta como uma das principais maneiras de aquisição de imagens identitárias, uma vez que o status social contemporâneo depende em grande parte dos objetos que cada um consegue adquirir. Pensa-se então, o contemporâneo com o que faz laço através de imagens, e este movimento se expande na medida em que as identificações simbólicas, de lugar, se enfraquecem. Isso acontece devido a necessidade que cada sujeito tem de fundação



como um indivíduo independente da sociedade, porém essa separação só é possível graças ao próprio movimento que a cultura realiza em cada um.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Traição. Consumo. Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BETTS, Jaime Alberto. **Sociedade de consumo e toxicomania - Consumir ou não ser**. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 26. Porto Alegre: APPOA, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: **Psicanálise e Sintoma Social**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993.

_____. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. A Psicanálise e o sujeito colonial. In: SOUZA, Edson Luiz André (org.). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. . Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1999.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VERONESE, Luciane Gheller. **Discursos educacionais: impasses e possibilidades da transmissão na sociedade de consumo**. Dissertação - Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Ijuí, 24/07/2003.